



Revisitar o mito

Myths Revisited

ORGANIZADORES

Abel Nascimento Pena

Maria de Jesus C. Relvas

Rui Carlos Fonseca

Teresa Casal



REVISITAR O MITO | MYTHS REVISITED

Organização: Abel Nascimento Pena, Maria de Jesus C. Relvas,
Rui Carlos Fonseca, Teresa Casal

Capa: Sandro Botticelli, *O Nascimento de Vénus*, ca. 1485 (pormenor)
Conceito gráfico: Maria de Jesus C. Relvas

Paginação: Ângela Andrade

© EDIÇÕES HÚMUS, 2015
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão
1.^a edição: Fevereiro de 2015
Depósito legal: 387047/15
ISBN 978-989-755-112-3

A CHEGADA DO CARDEAL ALEXANDRINO A LISBOA (1571)

Uma Nova Idade de Ouro

André Simões*

O mito das Idades a bem conhecida alegoria da decadência humana sob a forma dos quatro metais, ouro, prata, bronze e ferro, tem, na literatura europeia, o seu registo mais antigo conhecido em Hesíodo, nos *Trabalhos e Dias*¹. Em relação à tradição posterior, Hesíodo apresenta como variante a inserção de uma quinta geração, entre a de bronze e a de ferro, a Idade dos Heróis², que representa uma inflexão no movimento de decadência humana, já que o Beócio a declara “mais justa e melhor, / estirpe divina de homens heróis, que se chamam / semideuses”³. É o tempo dos heróis de Tebas das Sete Portas, é o tempo da Guerra de Tróia, o tempo de Polínicos, de Aquiles e de Heitor. Depois deste verdadeiro canto do cisne, vem a idade de ferro, que não será, no entanto, a última, pois também esta será destruída e substituída por outra.

Embora outros autores como Vergílio ou Horácio tenham regressado a este mito, é a versão que Ovídio canta nas *Metamorfoses*, no início do século I da nossa era, aquela que maior influência terá na cultura ocidental. Não raras vezes o tema será usado com objectivos políticos, como retrato de uma época de esplendor, sob a liderança de um homem providencial. Talvez o exemplo mais conhecido seja o da época de Augusto, esse período que preenche as últimas décadas do século I a.C. e a primeira da nossa era. Autores como Vergílio ou Horácio recorreram a esta imagem, com a fortuna literária que se sabe, para debuxar uma nova era de prosperidade e felicidade sobre a Terra, sob a liderança de Augusto, o filho adoptivo de César, último representante de uma linhagem fulgurante que tivera os seus inícios quando a deusa Vénus desencaminhara da sua frígia modorra o jovem troiano Anquises, pai de Eneias, avô de Júlio. Inevitável é também referir a écloga IV de Vergílio, ou do epodo XVI de Horácio,

* Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

1 *Trabalhos e Dias* vv. 106-201.

2 *Trabalhos e Dias* vv. 156-173.

3 *Trabalhos e Dias* vv. 157-160.

exemplos eloquentíssimos desta utopia dourada. Propusemo-nos, contudo, falar não do filho do Divino Júlio, não de Vergílio nem de Horácio, mas de outro italiano, nascido cerca de 1600 anos depois.

Antonio Bonelli viu a luz em Bosco, Alessandria, em 25 de Novembro de 1541. Do lado materno provinha da poderosa família Ghislieri, sob cuja protecção estudou em Roma, no *Collegio Germanico-Ungarico*. Por volta de 1560 ingressou na ordem de São Domingos, tomando nessa altura o nome de Michele. É também por esta altura, concretamente em 7 de Janeiro de 1566, que sobe ao sólio pontifício Pio V, nascido Michele Antonio Ghislieri, tio-avô materno de Bonelli. Assim, não foi surpresa a sua nomeação como cardeal, em 6 de Março desse mesmo ano de 1566, apesar de não ter a idade canónica. Foi-lhe atribuída como título a igreja dominicana de Santa Maria sopra Minerva, a mesma que pertencera ao seu tio-avô. É a partir dessa altura que passa a ser conhecido como cardeal Alexandrino, com referência à sua região natal. Os primeiros tempos de cardinalato não foram, contudo, pacíficos. Assim, logo em Agosto de 1566 Michele viu-se envolvido num escândalo nada menos do que sexual, com uma cortesã conhecida como “La Doralice”. O caso acabou por ser abafado, mau grado Pio V ter forçado o sobrinho a manter-se retirado. Em Dezembro de 1568, porém, o incidente parece ter ficado esquecido, pois assume nessa altura o ambicionado cargo de camerlengo do papa⁴.

Bem mais grave do que os devaneios juvenis de Bonelli, pairava por esses anos sobre a Europa a ameaça turca. O poderio otomano era então impressionante, mau grado a clamorosa derrota de Selim II na tentativa de tomar Malta, em 1565 – desaire que no entanto não beliscou a preponderância turca no Mediterrâneo oriental. A situação tornou-se mesmo dramática para o lado cristão após a ruptura da paz com Veneza e o consequente assalto turco, em 1570, ao Chipre e a Tunes, às portas do Mediterrâneo ocidental. A derrota de Veneza parecia mesmo inevitável, após o incêndio do Arsenal, a 3 de Setembro de 1569. É neste contexto que Pio V avança para a constituição de uma liga cristã, de que considerava serem parte essencial os reis de Portugal e de Espanha.

O papa envia Luís de Torres a Lisboa, em 1570, com o objectivo de obter a adesão de D. Sebastião à liga, bem como de tentar que o rei de Portugal aceitasse casar-se com Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, rei de França. O legado papal falhou ambos os propósitos: o matrimónio, em virtude da pouca vontade do rei português; a entrada portuguesa na liga, devido às dificuldades vividas pelo reino, após a peste de 1569. As campanhas militares cristãs durante o ano de 1570 são, pois, levadas a cabo apenas por forças da Santa Sé, Veneza e Espanha. Pouco antes da decisiva batalha de Lepanto, Pio V decide ampliar a liga, procurando obter a participação do Império, da França, da Polónia e de Portugal.

É sobre o cardeal Alexandrino que recai a responsabilidade de se dirigir, como legado papal, a Filipe II, missão anunciada oficialmente pelo embaixador espanhol ao Rei Católico, em comunicação de 25 de Maio de 1571, tendo o cardeal partido

4 Prosperi, “Bonelli, Michele”.

de Roma a 30 de Junho desse ano em direcção a Madrid. A viagem incluía uma passagem por Portugal, com o duplo objectivo de obter a adesão portuguesa à liga cristã, mas também, de novo, de negociar o casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois.

O cardeal Alexandrino vem acompanhado de uma comitiva que incluía personalidades como o cardeal Aldobrandino, que viria a ser o papa Clemente VIII. A missão começou por aparentar um êxito total: D. Sebastião declarava aceitar o matrimónio, com a condição de que o seu futuro cunhado, Carlos IX, entrasse também ele na liga. Como se sabe, o êxito foi apenas aparente. Cansado das constantes dilações e hesitações, Carlos IX decidira já casar a irmã com o rei de Navarra, o huguenote Henrique de Béarn.

Também prometia apoio à liga, mesmo se a estrondosa vitória de Lepanto, ocorrida em Outubro de 1571, pouco antes da chegada de Bonelli a Lisboa, desanuviasse agora claramente o horizonte cristão. Mesmo assim Pio V não desistia de obter o apoio português, e fê-lo saber através de um breve datado de 26 de Outubro de 1571, no qual dava conta da vitória de Lepanto, solicitava a participação portuguesa na liga, e anunciava a chegada iminente do cardeal Alexandrino. Contudo, também este objectivo da missão falharia. É certo que D. Sebastião formou uma armada, em 1572, que no entanto não chegou a sair da barra do Tejo. O motivo parece ter-se prendido com o receio de que a armada que então a França preparava para atacar os Países Baixos tivesse na verdade o secreto objectivo de atacar Lisboa. Os receios acabaram por se revelar infundados, na sequência do Massacre de São Bartolomeu, em 24 de Agosto. A notícia chegou a Lisboa a 6 de Setembro, e com ela grande alívio. Mas chegava ao fim o Verão, e com ele o tempo favorável à navegação. A armada acabou mesmo por ser desbaratada pela forte tempestade que se abateu sobre Lisboa a 13 de Setembro de 1572⁵.

Regressemos à missão do cardeal Alexandrino, cuja primeira etapa foi, como vimos, Madrid. De lá saiu, em direcção a Lisboa, via Badajoz, a 18 de Novembro, como nos informa uma carta de um elemento do seu séquito, enviada a Jerónimo Bonelli, irmão do cardeal, datada de 6 de Dezembro de 1572⁶. A entrada em Portugal fez-se por Elvas, a 25 de Novembro, com uma cavalgada de mais de 300 cavalos, encabeçada por D. Constantino de Bragança, enviado por D. Sebastião para receber em grande estilo o legado papal. A estadia do cardeal em Elvas foi acompanhada de grandes festas mas também de cerimónias religiosas. De Elvas passou a comitiva a Vila Viçosa, a quem o anónimo relator prefere chamar Vila Deliciosa, pela sua beleza e fertilidade. Passemos por cima do deslumbre do relator desta carta com a magnificência do paço ducal, cuja praça diz mesmo ser pouco inferior à de São Pedro, e com as cavalgadas e com os banquetes e festas com que foi sendo agraciado o cardeal. A viagem prosseguiu, com paragens em Estremoz, Évora e Avis, sempre abençoadas por chuva torrencial, sempre anima-

5 Para uma mais clara e substancial exposição sobre este contexto histórico veja-se Brandão 23-44.

6 Brandão 33ss.

das por recepções magníficas, festas, danças e cavalgadas. Na véspera da chegada a Lisboa o cardeal pernitoou no Barreiro, de onde teve a fortuna de ver os extraordinários fogos de artifício lançados em Lisboa, que eram de tal intensidade que parecia que a cidade ardia⁷. A entrada em Lisboa fez-se a 3 de Dezembro, de barco: a comitiva cardinalícia saiu em três bergantins, e foi recebida a meio do rio pelo bucentauro do rei, e daí seguiram em cortejo, acompanhado por mais de 100 embarcações, sendo recebido em terra pelo cardeal D. Henrique e, logo depois, pelo próprio rei. Conta o relator desta carta que mais de 200 mil pessoas saudaram a comitiva⁸.

A entrada do cardeal no reino coincidiu com uma dramática alteração da meteorologia. Com efeito, Portugal atravessava, informa o relator da carta que temos vindo a acompanhar, uma terrível seca: havia seis meses que não chovia, começava a grassar a fome entre homens e animais. Ora, mal Bonelli pôs os pés em Elvas, a 25 de Novembro, e até à data desta carta, de 5 de Dezembro, não mais parou de chover. O povo não deixou de fazer a relação entre as duas coisas, e atribuiu a Deus e ao cardeal a chuva salvífica⁹, que só deu tréguas em raras mas significativas ocasiões. Uma delas não podia ser mais relevante: segundo uma crónica coeva de que se dá conta na *História Sebástica*, o dia 3 de Dezembro “foi dia de muita água, mas quis Deus que lhe fez boa tarde, e assi se aparelhou tudo o melhor que pôde”.¹⁰ A estadia do cardeal Alexandrino foi, no entanto, curta. No dia 13 de Dezembro partiu de Lisboa, com destino a Madrid, de onde lhe haviam chegado notícias do nascimento do príncipe herdeiro de Filipe II. Tratava-se de Fernando, nascido a 4 de Dezembro, mas que viria a falecer sete anos depois.

Mas regressemos às festas que acompanharam a visita do cardeal Alexandrino, e aos relatos coevos, de que o mais circunstanciado é o do seu secretário Giovanni Battista Venturini da Fabriano, que compôs uma relação da viagem, intitulada *Del viaggio fatto dall'ill.mo et revmo. Card. Alessandrini Legato Apostolico alli Serenissimi Re di Francia, Spagna et Portogallo, con le annotazioni delle cose principali delle città, terre e luoghi*. Esta interessantíssima relação, recentemente editada em tradução portuguesa¹¹, apresenta três poemas panegíricos em língua latina, por nós editados, traduzidos e anotados na mesma publicação¹², e que foram oferecidos ao cardeal durante a sua curta estada em Lisboa¹³.

O primeiro panegírico transcrito por Venturini é atribuído a Pedro Mendes Lusitano, e derrama ao longo de 382 hexâmetros dactílicos uma série de louvores apropriadamente hiperbólicos, tendo em conta as convenções do género. Inun-

7 *História Sebástica* 222.

8 Brandão 38.

9 Brandão 34.

10 *História Sebástica* 222.

11 Cardoso, *Embaixada do Papa Pio V ao Rei D. Sebastião*.

12 Cardoso 84-123.

13 Manuscritos consultados: Barb. Lat. 5250, ff. 69r-78v (Biblioteca Apostólica Vaticana); Fondo Pio 117, ff. 353v-361v (Arquivo Secreto Vaticano).

dam o poema os habituais exageros, por todo o lado brota a erudição. Em tudo é o cardeal Alexandrino excelente, nada nele há de censurável. É um “formoso Apolo que vai, / rejubilante, compondo com delicado pente os cabelos¹⁴”; ele é um nume venerável na Terra, que deslumbra com a sua beleza, e cujos feitos e ciência já hoje assombram as gentes de todas as partes do mundo, e que será necessário um novo Homero cantar, para se espantarem as futuras gerações. Custa ver neste retrato o estouvado cardeal-sobrinho, que ainda não havia 5 anos se havia envolvido no já referido escândalo sexual com a meretriz Doralice, e cuja inexperiência havia levado Pio V a incluir na embaixada figuras com o peso de um cardeal Aldobrandino, sem cujo conselho nada podia Bonelli decidir.

Concentremo-nos agora em um dos aspectos que mais inflamam este panegírico, aquele que se prende com a Natureza que manifesta a sua felicidade pela vinda do cardeal, recriando na Terra uma nova Idade de Ouro. Assim, a partir do verso 28 traça-se um cenário idílico em que a plantas, animais e elementos rejubilam perante a chegada de Bonelli. Vejamos apenas alguns exemplos.

[...] murmura terris
laeta sonant; hae te ripae collesque uirentes,
haec te arbusta uocant; gaudent in uallibus amnes
laetaque †seueris† ludunt animalia terris
necnon squamigeræ laetantur in aequore gentes.
Iustitia in Lysias cum pace reuertitur urbes
Atque iterum a caelo in terras Astrea remigrat.
Laetitia exultant montes, et lilia frondent
aduentu formosa tuo, iam moenia rident
urbis Eliseae, laetasque ad sidera uoces
attollunt nemora ac rupes fluuiique sonantes
murmure festiuo labuntur, et aera cantu
demulcent uolucres, et floribus ipsa uirescunt
prata suis [...].

[...] Pela terra felizes
murmúrios ressoam, chamam-te estas margens e estas colinas
virentes, chamam-te estas árvores, rejubilam nos vales os rios,
nas †ásperas† terras brincam felizes os animais,
e no mar se alegra também o escamoso povo.
Regressa a justiça com a paz às lusas cidades,
e de novo Astreia regressa do céu à terra.
Exultam com alegria os montes e frondescem os formosos
lírios com a tua chegada! Já riem as muralhas
da cidade de Lisboa, e aos céus erguem

14 *Pan.* I 110-111. A imagem não é inocente. Com efeito, um dos textos antigos mais importantes para o estabelecimento do mito das Quatro Idades, a écloga IV de Vergílio, determina no verso 10 que na nova Idade do Ouro, marcada pelo nascimento do misterioso menino, “tuus iam regnat Apollo” (“já reina o teu Apolo”).

vozes felizes os bosques e as rochas, e os rios correm
ressoando em murmúrio festivo, e com o seu canto
os pássaros afagam os ares, e verdejam com as suas flores
os próprios prados [...].
(*Pan.* I, vv. 28-41)

Não é possível entender este e outros passos que pintam uma natureza rejubilante sem nos lembrarmos de que a entrada de Bonelli em Portugal coincidiu efetivamente, como vimos, com o fim de uma seca que trazia em desespero o reino. Será, pois, esta uma das raras ocasiões em que nem tudo é pura convenção literária.

Menos real é, por seu lado, esta nova Idade de Ouro, celebrada com o regresso de Astreia, a filha de Zeus e de Témis, a última das divindades a abandonar a Terra, quando à geração de bronze sucede a última, a de duro ferro.

Ouçamos as palavras de Ovídio, na feliz versão do professor Paulo F. Alberto:

O respeito jaz vencido, e a virgem Astreia foi a última
dos seres celestes a deixar as terras encharcadas de sangue.¹⁵

O regresso de Astreia é, como se sabe, um tema recorrente desde a Antiguidade, quando se trata de debuxar uma nova Idade de Ouro sobre a Terra. Pensemos, sem precisar de ir mais longe, na célebre IV écloga de Vergílio.

Mas a descrição da bem-aventurança que reina em Portugal, motivada pela chegada do cardeal, acaba por dar, inevitavelmente, lugar aos louvores a Deus – que, no entanto, também eles redundam em louvor a Bonelli. Concretizemos: depois de elevar o panegírico do sobrinho-neto de Pio V a pontos difíceis de superar, reclamando mesmo um novo Homero para lhe recordar as honras e celebrar os ínclitos feitos¹⁶, o autor recorda que as virtudes inextinguíveis de Bonelli não têm outro objectivo senão ganhar as almas para Cristo. É neste momento que Pedro Mendes derrama em sete dezenas de versos uma história do mundo, que começa com a Encarnação, recua até à Criação, prossegue com uma descrição do Paraíso, e conclui com sucessão de Cristo na Terra, na pessoa de São Pedro e seus sucessores, até chegar a Pio V, para regressar a Bonelli.

O primeiro momento desta secção do panegírico é, pois, a Encarnação, Paixão e Ressurreição de Cristo, que ocupa os versos 180-193, os quais Pedro Mendes preenche com os lugares-comuns inerentes ao tema. Olhemos com mais atenção os versos que se lhes seguem, e que consistem numa descrição do Paraíso que mais não é senão uma releitura, por vezes demasiado próxima, do livro I das Metamorfoses de Ovídio, concretamente do retrato que o Sulmonense faz da Idade de Ouro¹⁷, mas também de passos do relato da sua Criação do Mundo a partir do

¹⁵ Ovid., *Met.* I 149-150.

¹⁶ *Pan.* I, vv. 172-174.

¹⁷ Ovid., *Met.* I 89-150.

Caos¹⁸. Confrontemos os passos mais relevantes. Para o texto de Ovídio recorreremos à tradução do professor Paulo Alberto, para o de Pedro Mendes à nossa.

nondum caesa suis, peregrinum ut uiseret orbem,
montibus in liquidas pinus descenderat undas,
nullaque mortales praeter sua litora norant
(Ovid., *Met.* I 94-96)

*Ainda o pinheiro não fora cortado das suas serranias
e descera às límpidas ondas a visitar mundo estrangeiro,
e os mortais não sabiam de outras costas senão das suas.*

[...] non arua premit neptunia remo
Nauta, nec ignotas secat horrida fraxinus undas.
(*Pan.* I 205-206)

*não força com o remo os campos de Neptuno
o marinheiro, nem o hórrido freixo sulca os mares desconhecidos.*

O Paraíso de Pedro Mendes desconhece, tal como a Idade de Ouro ovidiana, a navegação. Os recursos estilísticos são semelhantes, em ambos os textos. Ovídio recorre à metonímia *caesa pinus* para designar o barco. Pedro Mendes usa a mesma figura, com a variante *horrida fraxinus*. A maldição da navegação, porventura surpreendente numa época em que Portugal se destacava precisamente pelas suas navegações, é, recordemo-lo, tópica na idealização da Idade de Ouro. Com efeito, à invenção da navegação e do comércio com povos estrangeiros estava associada a males como a ganância e a guerra, já sem referir o facto de que a urgência de sair da sua própria terra implica a existência de um estado prévio de necessidade, incompatível com a bem-aventurança da Idade de Ouro. Assim, neste Paraíso para onde Cristo leva as almas que, lembremo-lo, são para ele conquistadas pelo cardeal Alexandrino, não há necessidade, não há navegações, e portanto não há nem ganância, nem avareza, nem guerras. Mas o autor não segue Ovídio sem arte. Com efeito, longe de se limitar fazer uma paráfrase à Idade de Ouro ovidiana, Pedro Mendes recolhe elementos de outros passos do livro I das Metamorfoses, retrabalha-os e reintegra-os neste retrato do Paraíso para onde Bonelli leva as almas lusitanas. Assim, o Paraíso do nosso autor opõe-se ao Caos que precede a Criação, no relato de Ovídio, numa caracterização pela negativa, bem sublinhada pela ocorrência em apenas três versos de outras tantas formas lexicais de negação: “non”, “nec”, “nulla”: “não”, “nem”, “nenhuma”. Assim, se o Caos ovidiano se caracteriza por “uma massa informe” onde se acumulam “as sementes discordantes de coisas desconexas”, no Paraíso de Pedro Mendes “paixão alguma de cousas misturadas acontece”. A simplificação das complexas “non bene iunctarum discordia semina rerum”, as “sementes discordantes de coisas desconexas” dá lugar a um bem mais simples, até cristão, tendo em conta a escolha de uma palavra tão prenhe

18 Ovid., *Met.* I 5-88.

de sentido como *passio*, “nullaque mixtarum contingit passio rerum”: “nem paixão alguma de cousas misturadas acontece”.

[...] rudis indigestaque moles
nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem
non bene iunctarum discordia semina rerum.

[...] nulli sua forma manebat, obstabatque aliis aliud, quia corpore in uno frigida
pugnabant calidis, umentia siccis, mollia cum duris, sine pondere, habentia pondus.
(Ovid., *Met.* I 17-20)

[...] *Era uma massa informe e confusa,
nada a não ser um peso inerte, nela amontoando-se
as sementes discordantes de coisas desconexas.*

[...] *Nada conservava a sua forma,
cada coisa opunha-se à outra, pois num mesmo corpo
o frio guerreava o quente, o húmido lutava com o seco,
o mole com o duro, o peso com a ausência de peso.*

Non illic pugnant calidis humantia siccis
frigida, nec binas capiunt elementa figuras,
nullaque mixtarum contingit passio rerum.

(*Pan.* I 214-216)

*não se guerreiam ali os húmidos aos secos,
os frios aos quentes, nem tomam os elementos duplas figuras
e nem paixão alguma de cousas misturadas acontece [...]*

Pedro Mendes vira-se, pois, para Deus, numa espécie de *memento homo*, como que para contrabalançar o peso retórico dos versos anteriores – ou, pelo contrário, talvez para equiparar à Idade de Ouro que Cristo trouxe à Terra o júbilo que Bonelli traz a Portugal, num audacioso mas tópico movimento. Com efeito, após debuxar a beatitude do Paraíso, recorrendo a todos os lugares-comuns inerentes à descrição do *locus amoenus* clássico, Pedro Mendes pousa agora o olhar sobre São Pedro, o Clavígero¹⁹, que “guarda [...] as fortalezas etéreas, / e protege as moradias celestes, e as portas guarda o vigia, / e desde a entrada os sagrados batentes protege”²⁰. O movimento narrativo que daqui decorre é previsível. Do Pedro Clavígero o autor recua ao pescador a quem Jesus chamou a Pedra sobre a qual construiria a sua Igreja, e deste aos seus sucessores, culminando em Pio V, “de ilustre sangue nascido”²¹, esse mesmo que, para honrar e acrescentar Portugal lhe enviou o cardeal Alexandrino, seu sobrinho-neto – logo, também ele de ilustre sangue nascido.

19 *Pan.* I 240.

20 “[...] stat fidus in armis
Petrus, et aethereas custodit clauiger arces
Celestesque domos tutatur et ostia custos
Defendit sacrasque fores a limine seruat” (*Pan* I, 239-242).

21 *Pan.* I 252.

Para não cansar o auditório, e porque o tempo foge, saltemos mais seis dezenas de versos encharcados por uma enxurrada de hiperbólicos e tópicos louvores a Bonelli e aos benefícios de que gozarão com a sua visita os portugueses, temperados com descrições do júbilo incontido de um povo que canta e dança nas ruas de Lisboa. Pousemos no verso 315. Declara nele o autor que “Nunc iterum mundo redeunt saturnia saecula”: “Agora de novo volvem os séculos satúrnios ao mundo”.

Pedro Mendes alude aqui à tradição romana segundo a qual Saturno, expulso por Júpiter, se havia refugiado no Lácio, onde fundara uma nova Idade de Ouro, tal como canta Vergílio, no livro VIII, vv. 319-327²². É, contudo, uma Idade de Ouro diferente da concepção hesiódica e ovidiana, no sentido em que, de acordo a ideologia augustana, a paz e a prosperidade num mundo em que o perigo está sempre à espreita (veja-se a eloquente imagem da cobra que, quase invisível ao olhar distraído, ameaça um ninho de pássaros, por entre a pacífica vegetação que ornamenta a *Ara Pacis*, exemplo acabado da propaganda Augustana), só poderiam ser alcançadas mediante o trabalho, o esforço pessoal e a liderança de um homem providencial. São estes “aurea saecula”, estes séculos dourados, que Vergílio, no livro VI da Eneida, profetiza, pela boca de Anquises, virem a ser restaurados por Augusto. Vejamos os versos em questão, em tradução nossa:

hic uir, hic est, tibi quem promitti saepius audis,
Augustus Caesar, diui genus, aurea condet
saecula qui rursus Latium regnata per arua
Saturno quondam, super et Garamantas et Indos
proferet imperium [...].
(Verg. *Aen.* VI 791-795)

*Este varão, este é que muitas vezes ouves ser-te prometido,
César Augusto, filho de um deus, que áureos séculos
de novo no Lácio fundará, pelos campos outrora por Saturno
governados, e sobre os Garamantes e os Indos
estenderá o Império [...].*

São certamente estes versos que Pedro Mendes tem presentes, quando declara que Bonelli estabelecerá, com a sua chegada, nova Idade de Ouro, novos Séculos Satúrnios em Portugal – profecia ironicamente trágica, quando sabemos que nem uma década depois o reino se acharia sem rei próprio, na sequência do desastre de Alcácer Quibir.

Regressemos, porém, à utopia do nosso autor. O restabelecimento da Idade de Ouro em Portugal, com a chegada do cardeal Alexandrino, é ilustrada com um derradeiro artifício retórico: o diálogo entre Témis, a deusa da justiça, a já referida Astreia, e a deusa Fides, aqui apresentadas como três irmãs. A escolha dificilmente poderia ter sido outra: Témis, a deusa da Justiça; Fides, a personificação da leal-

22 Ver também Verg. G. II 538, *Aen.* VI 793-794; Ovid. *Met.* I 89; XV 96.

dade, da palavra dada; Astreia, a última das divindades a abandonar a Terra, com o advento da Idade de Ferro.

Témis prepara-se, perante o assombro das companheiras, para abandonar os Campos Elísios, em direcção a Portugal. As irmãs, estarecidas, confrontam-na com o que consideram um tremendo disparate. Pergunta-lhe Fides:

O Sancta Themis, quid inania mundi
Regna petis, cur Elysios ingrata recessus
Deseris, et pulchri reuerenda palatia caeli?
(Pan. I 321-323)
*Ó santa Témis, porque procuras os vazios reinos
do mundo, porque, ingrata, os elísios recessos
abandonas, e os reverendos palácios do belo céu?*

Astreia, não menos perplexa, por sua vez pergunta-lhe:

Quid miserum molliris iter, cur ipsa sorores
Destituis, quonam ipsa ruis, cur alta relinquis
Atria, et humanis cur uis te immergere rebus?
An ne etiam ignoras priscae uestigia gratis
Impia dum mundo errabas sine honore? Quid ergo
Mortales incauta paras contendere terras?
Heu, fuge crudeles gentes non pectore tuto!
(Pan I 329-335)
*Que infeliz caminho percorres, porque é que tu mesma as tuas irmãs
abandonas, para onde te precipitas tu, porque abandonas os altos
átrios, e porque te queres mergulhar nas coisas humanas?
Porventura não ignoras também os ímpios sinais da antiga prisão,
quando sem honra erravas no mundo? Porque é que, pois,
incauta te preparas para te dirigir às terras mortais?
Ai, fuge das gentes cruéis de coração não seguro!*

Mas Témis sossega às irmãs: com Bonelli os crimes e as injustiças dos Homens têm os seus dias contados. A leitura Ovídio e do seu Mito das Idades é, de novo evidente. Esta nova gente, esta “altera gens hominum” é diversa da anterior – ou seja, está implícito, da geração da Idade de Ferro. Pedro Mendes sublinha esta diferença recorrendo a um subtil mas evidente diálogo com a narrativa ovidiana, mediante a negação daquilo que no Sulmonense caracteriza a última geração de Homens.

[...] Itala regione profectus
Praesul Elysia, nouus hospes, in urbe moratur
Qui uirtute potens mira pietate reformat
Christiadum populos, non iam scelera impia mundo
Grassant, non uanus honor, non caeca libido,

Nullaque periurae serpunt mendacia linguae,
 Non fraudes, miserosque dolos intendit Erinnis,
 Quum etiam floret pietas, pax aurea mundo
 Surgit, triste nephas secum tulit horrida pestis.
 Altera gens hominum, nunc est diuersa priori,
 Altera uita, alii mores, saecla altera terris
 (Pan. I 343-360)

*[...] Do ítalo país partido,
 demora-se o prelado na cidade de Lisboa, novo hóspede
 que, valoroso na virtude e na admirável piedade, reforma
 os povos Cristãos: já não grassam pelo mundo ímpios
 crimes, nem a vã glória, nem o cego desejo,
 e nenhuma mentiras de perjura língua rastejam;
 logros e miseráveis traições não projecta a Erínia:
 quando já floresce a piedade, a áurea paz no mundo
 surge, sombrio crime traz consigo a hórrida peste.
 Uma outra raça de homens existe agora, diferente da primeira,
 outra vida, outros costumes, outros tempos na terra.*

de duro est ultima ferro.
 protinus inrupit venae peioris in aevum
 omne nefas: fugere pudor verumque fidesque;
 in quorum subiere locum fraudesque dolusque
 insidiaeque et vis et amor sceleratus habendi.
 (Met. I 127-131)

*[...] E a última é a do duro ferro.
 De súbito, todo o acto nefando irrompe nesta idade de metal
 menos valioso. Fugiram o pudor, a sinceridade, a lealdade,
 e, no lugar destes, sucederam-se-lhes o logro, e a traição,
 e as insídias, e a violência, e a criminosa paixão por possuir.*

Assim, ao “pudor” que fugiu, opõe-se o “cego desejo”, a “caeca libido”, que não já não existe, por intervenção do cardeal; à “fides”, a “lealdade” que Ovídio lamenta ter fugido, contrapõe Pedro Mendes que “nenhumas mentiras de perjura língua rastejam” – hábil resposta, tendo em conta a riqueza semântica do vocábulo *fides*, que de forma imperfeita se pode entender como a garantia, a confiança, a lealdade. É o fazer o que se diz, o respeito pela palavra dada. Pedro Mendes parece tomar um pouco de cada um dos sentidos, simplificando-o e opondo-lhe a ideia da ausência de perjúrio. Mas o diálogo prossegue: no verso que mais de perto segue o modelo ovidiano, Pedro Mendes declara que “logros e miseráveis traições não projecta a Erínia”, resposta evidente a “sucederam-se-lhes o logro, e a traição”. E finalmente, à “criminosa paixão por possuir” ovidiana opõem-se os “ímpios crimes”, que agora já não grassam pelo mundo.

Vejamos de forma esquemática as oposições e diálogo estabelecidos entre Ovídio, na sua descrição da Idade de Ferro, e Pedro Mendes – em latim, de forma a tornar mais transparente a comparação:

Ovídio	Pedro Mendes
(fugēre) pudor	non caeca libido
(fugēre) uerum	nulla mendacia
(fugēre) fides	(nulla mendacia) periuriae linguae
(subiere locum) fraudesque dolusque	non fraudes, miserosque dolos
(subiere locum) amor sceleratus habendi	non iam scelera impia

O diálogo termina com a conversão de Astreia e Fides, que com Témis se dirigem a Portugal, a ver chegar o cardeal Alexandrino, e a gozar a Idade de Ouro, os Satúrnios séculos que com a sua visita se instalam de novo nas lusas terras.

Quare si sapitis, iucunda o turba sorores,
 In Lusitanos mecum remeate Penates.
 Cardineum illustrem spectabimus ore benigno
 Et nostrum obsequium pariter praestabimus illi.”
 Talia uerba dedit. Statim pia turba sororum,
 Alma Themis, generosa Fides, Astrea refulgens,
 Corripuere uiam, et Lysias uertuntur ad oras.
 (Pan. I 356-360)

*Por isso se o compreendeis, ó turba de irmãs,
 regressai comigo aos lusos Penates!
 O ilustre cardeal olharemos de face benigna,
 e o nosso favor igualmente lhe prestaremos!”
 Tais palavras disse. Logo a pia turba de irmãs –
 a propícia Témis, a generosa Fé, a brilhante Astreia,
 – tomaram o caminho, e dirigem-se às lusas praias.*

* * *

O poema que imperfeitamente aqui apresentámos não se esgota nesta leitura rápida. Não sendo, longe disso, de uma obra de qualidade literária ímpar, constitui, ainda assim, um interessante testemunho da releitura do mito das Idades no Renascimento português, sob a forma de um panegírico. Hiperbólico, como convém ao género, quase despropositado, tendo em vista a personalidade a que é dedicado. Ainda assim, um documento de uma época, inédito, como uma parte tão infelizmente significativa da literatura portuguesa e neo-latina deste período tão determinante da nossa história.

Bibliografia

Manuscritos Consultados

Bard. Lat. 5250, ff. 69r-78v (Biblioteca Apostólica Vaticana).

Fondo Pio 117, ff. 353v-361v (Arquivo Secreto Vaticano).

Estudos, Edições e Traduções modernas

BRANDÃO, Mário. “Uma carta acerca da viagem do cardeal Alexandrino a Portugal.” *Estudos Vários*, vol. 1. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. 23-44

CARDOSO, Arnaldo P. *Embaixada do Papa Pio V ao Rei D. Sebastião. Missão do Cardeal Alexandrino em Lisboa (1571)*. s.l.: Academia Portuguesa da História, 2012.

HESÍODO. *Trabalhos e Dias*. Trad. José Ribeiro Ferreira. Lisboa: INCM, 2005.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.

PROSPERI, Adriano. “Bonelli, Michele.” *Dizionario Biografico degli Italiani*, vol. 11. 1969.

SANTOS, Manuel dos. *Historia Sebastica. Contem a vida do Augusto Principe o Senhor D. Sebastião, Rey de Portugal, e os successos memoraveis do Reyno, e conquistas no seu tempo....* Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1735.

ÍNDICE

5	PREFÁCIO
7	PREFACE

1. MITOS NA LITERATURA ANTIGA MYTHS IN ANCIENT LITERATURE

11	THE APOLLONIAN FEATURES OF PINDAR'S PYTHIAN ODES Emilio Suárez de la Torre
31	O RETRATO DE CLITEMNESTRA NA LITERATURA GREGA Joaquim Pinheiro
41	IPHIGENEIA PARTHENOS Nuno Simões Rodrigues
49	CONSIDERAÇÕES DE COMO OS MITOS ESCATOLÓGICOS DIRIGEM-SE MUITO MAIS À VIDA DO QUE À MORTE Izabela Bocayuva
59	"NÃO FOI DESTA MANEIRA QUE O TOURO CARREGOU SOBRE O DORSO O PESO DO AMOR" (<i>BATRAC.</i> 78-79) Rui Carlos Fonseca
69	O MITO DE TAGES NO <i>DE DIVINATIONE</i> Giuseppe Ciafardone
75	MATERNIDADES MALDITAS Cristina Santos Pinheiro
85	<i>VICIMVS VICTI PHRYGES</i> : EQUIPARAÇÃO ENTRE VENCIDOS E VENCEDORES, TROIANOS E DÁNAOS, NO <i>AGAMÉMNON</i> DE SÉNECA Ricardo Duarte
99	<i>AMOR MORBUS</i> EM <i>PHAEDRA</i> : O MITO E A DOCTRINA ESTÓICA DOS <i>AFFECTUS</i> Ana Filipa Isidoro da Silva
107	<i>THYESTES</i> DE SÉNECA: O TEATRO DA FRUSTRAÇÃO DA ALMA HUMANA. ENTRE A <i>TRANQUILLITAS ANIMI</i> E O <i>FUROR REGNI</i> Mariana Montalvão Horta e Costa Matias
119	READING CLASSICAL MYTHS IN LATE ANTIQUITY: MACROBIUS' PROPOSAL OF LITERARY IDENTITY IN <i>COMMENTARII IN SOMNIUM SCIPIONIS</i> Julieta Cardigni

2. MITOS NA LITERATURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

MYTHS IN MODERN AND CONTEMPORARY LITERATURE

- 133** MITOLOGIA E MUNDIVIDÊNCIA MANEIRISTA EM *O LIMA* DE DIOGO BERNARDES
José Cândido de Oliveira Martins
- 145** O MITO DE DON JUAN E *LES LIAISONS DANGEREUSES* DE LACLOS
Ana Isabel Moniz
- 155** SERVINDO A CIRCE
Margarida Vale de Gato
- 165** A PRESENÇA DO MITO NA POESIA DE JULES LAFORGUE
Guacira Marcondes Machado
- 171** TRAÇOS DE UMA REFLEXÃO MÍTICA SOBRE O FEMININO EM *O LIVRO DE ALDA* DE ABEL BOTELHO
Rui Sousa
- 187** APOLLINAIRE E A RELEITURA DOS MITOS EM *ALCOOLS*
Silvana Vieira da Silva
- 199** THE RECEPTION OF MYTH IN FERNANDO PESSOA
Maria João Toscano Rico
- 217** BABEL AND MERLIN REVISITED IN C.S. LEWIS'S *THAT HIDEOUS STRENGTH*
Maria Luísa Franco de Oliveira Falcão
- 225** O MITO DE NARCISO E A LITERATURA DE INTROSPECÇÃO
Anna Faedrich Martins
- 239** ULISSSES E O VELHO SANTIAGO
Maria Mafalda Viana
- 251** RECEÇÃO MÍTICA EM AGUSTINA BESSA LUÍS
Maria do Carmo Pinheiro e Silva Cardoso Mendes
- 261** RESSIGNIFICAÇÕES DO MITO CLÁSSICO DO MARAVILHOSO NO LIVRO *FITA VERDE NO CABELO*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA
Nerynei Meira Carneiro Bellini
- 273** O MITO REVISITADO NA FICÇÃO DE ANGOLA: *O DESEJO DE KIANDA* E *A PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*, DE PEPETELA
Maria Cristina Batalha
- 283** O RESSURGIMENTO DE VÊNUS
Joana Marques de Almeida
- 291** "THE MYTH TO END ALL MYTHS"
Alexandra Cheira
- 299** REVISITING THE TUDOR MYTH IN SANDRA WORTH'S *THE ROSE OF YORK TRILOGY*
Susana Paula de Magalhães Oliveira
- 307** DO CAOS AO COSMOS
Helena Malheiro
- 317** A INEXORABILIDADE DO DESTINO DO MITO GREGO NA MODERNIDADE ATRAVÉS DA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Maria da Conceição Oliveira Guimarães

3. MITOS NAS ARTES

MYTHS IN ARTS

- 331** RECYCLING MYTHS IN BYZANTINE ART
Livia Bevilacqua
- 343** *AFRODITE E EROS*, REVISITADOS POR FRANCISCO DE HOLANDA
Teresa Lousa
- 351** EROS PLAYING WITH WALNUTS IN THE COMEDIES OF JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS
Silvina Pereira
- 363** O MITO INSTÁVEL DE ORESTES E HAMLET
Henrique Miguel Carvalho
- 373** A PRESENÇA DE ALCESTE NA MÚSICA ERUDITA
Ana Alexandra Alves de Sousa
- 383** TRISTÃO E ISOLDA: O MITO DO AMOR IMPOSSÍVEL
Gianmarco Catacchio
- 391** OS MITOS ARTURIANOS NA PINTURA DO SÉCULO XIX
Ana Margarida Chora
- 403** PAIXÃO, SABEDORIA E NARRATIVA MÍTICA NA XILOGRAVURA DE HEIN SEMKE
Joanna Latka
- 413** ALGUNS APONTAMENTOS NA MITOLOGIA DAS “LOUCAS”
Isabel Henriques de Jesus
- 423** CAGE WAKES UP JOYCE
Ana Luísa Valdeira
- 433** MARGARET ATWOOD’S *THE PENELOPIAD*
Sara Paiva Henriques
- 445** PERCY JACKSON: O LADRÃO DE MITOS
João Peixe
- 453** *BITE ME! BUT PLEASE BE SEXY ABOUT IT* – O MITO DO VAMPIRO NO CINEMA
José Duarte

4. MITOS NA HISTÓRIA E NA FILOSOFIA

MYTHS IN HISTORY AND PHILOSOPHY

- 471** THE THEBAN MYTHS IN HERODOTUS: NOT YET A NEGATIVE PARADIGM
Pierpaolo Peroni
- 483** SCIPIO AEMILIANUS AND ODYSSEUS AS PARADIGMS OF *PRÓNOIA*
Breno Battistin Sebastiani
- 495** RECONFIGURAÇÕES MEDIEVAIS E MODERNAS DO MITO DE ATLÂNTIDA
Margarida Santos Alpalhão
- 503** A CHEGADA DO CARDEAL ALEXANDRINO A LISBOA (1571)
André Simões

- 517 FROM OBSCURITY TO THE PANTHEON OF PORTUGUESE AMERICAN HEROES:
RECYCLING PETER FRANCISCO FOR ETHNIC MINORITY 'FEEL GOOD' AND UPLIFT
Reinaldo Francisco Silva
- 529 *IRACEMA* PARA ALÉM DAS EXPECTATIVAS
Tito Barros Leal
- 539 CASSANDRA REVISITADA
Sandra Pereira Vinagre
- 551 O MITO COMO LEITURA DA HISTÓRIA
Ivone Daré Rabello
- 559 A ERÓTICA DO ÊXTASE
Lolita Guimarães Guerra
- 575 DEVOLVER O FOGO AOS DEUSES
Sofia Santos

5. MITOS NA CULTURA POPULAR

MYTHS IN POPULAR CULTURE

- 587 RARIDADE E DIVERSIDADE COMO FACES DA MESMA MOEDA
Marina Pelluci Duarte Mortoza
- 595 MITOLOGIA NA FÁBULA
Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
- 607 TEMAS MÍTICOS NOS CONTOS POPULARES PORTUGUESES
Cristina Abranches Guerreiro
- 615 "A SERRANA" E "A GALHARDA", DOIS RETRATOS DA MULHER DEVORADORA NO
ROMANCEIRO DE TRADIÇÃO PORTUGUESA
Ana Sirgado
- 625 A LENDA DAS ÁGUAS SANTAS DO VIMEIRO
Natália Albino Pires
- 637 O HERÓI MÍTICO E A IMAGEM DO PRÍNCIPE NOS CONTOS DE JOSÉ LEITE DE
VASCONCELOS
Teresa M. Gonçalves de Castro
- 651 MITO E CONTO POPULAR
Maria Auxiliadora Fontana Baseio
- 659 *AS MÃOS DOS PRETOS*, DE LUÍS BERNARDO HOWANA
Maria Zilda da Cunha
- 671 ANGELA CARTER E BARBA-AZUL
Cleide Antonia Rapucci

6. MITOS NA RELIGIÃO E NAS CIÊNCIAS

MYTHS IN RELIGION AND SCIENCE

- 685** **THE JUDGMENT BETWEEN HORUS AND SETH AS A PARADIGM FOR THE JUDGMENT OF THE DEAD**
André de Campos Silva
- 697** **REVISITANDO O MITO EGÍPCIO DAS LUTAS ENTRE HÓRUS E SET**
José das Candeias Sales
- 715** **DA PALAVRA AO ACTO**
Miguel Pimenta-Silva
- 727** **LILITH: FROM POWERFUL GODDESS TO EVIL QUEEN**
Maria Fernandes
- 737** **ENTRE MITO E CIÊNCIA**
Abel N. Pena
- 749** **A MIGRAÇÃO DOS PORTENTOS**
Isabel de Barros Dias
- 763** **O MITO DA CRIAÇÃO NO CORÃO E O SEU REFLEXO NA MÍSTICA SUFI**
Natália Maria Lopes Nunes
- 777** **REVISITAR A CATÁBASE**
Daniela Di Pasquale
- 789** **REMINISCÊNCIAS DE VERGÍLIO NA OBRA POÉTICA DE PEDRO JOÃO PERPINHÃO**
Helena Costa Toipa
- 805** **NARCISO E LEONARDO NA PERSPETIVA DE FREUD**
Isabel Castro Lopes
- 815** **À PROCURA DE UM FINAL FELIZ, OU A NARRATIVA ADÂMICA REVISITADA POR LLANSOL**
Cristiana Vasconcelos Rodrigues

Revisitar o Mito / Myths Revisited revisita o mito e o modo como ele tanto gera e alimenta o imaginário humano de todos os tempos e lugares, como nos permite repensar os abismos e as zonas profundas e sombrias que procedem de um irracional mitológico. Partindo do filão clássico, os contributos multidisciplinares reunidos neste volume incidem sobre a plasticidade do mito, materializado nas suas expressões literárias, artísticas, políticas ou científicas e lido à luz das novas ciências e áreas do saber.

Revisitar o Mito / Myths Revisited revisits myth and how it has both generated and nurtured human imagination across time and space, and allowed us to rethink the abysmal and sombre depths that proceed from the mythological irrational. Rooted in the classical repository, the contributions assembled in this volume privilege dynamic and interdisciplinary approaches to the plasticity of myth, as manifest in literary, artistic, political or scientific expression.



ISBN 978-989-755-112-3



9 789897 551123

